

O OCEANO NÃO SEPARA

(Evaldo Balbino)

Nestas terras e além delas,
os pés caminham, caminha
a voz humana mui vária.

São tantas almas, desejos,
e os corpos são naves
navegando mares.

Os corpos são aves
nadando o oceano
– esta imensa ponte.

As águas unem fados
de cristos humanados
e pés andando em ondas.

Aqui mesmo onde,
nas terras brasis,
se multiplicam cores.

Se multiplicam línguas
desdobrando os panos
e os mil paladares.

Aqui mesmo migro,
vagueio entre falas
se namorando várias.

Arapucabiboca
carioca caipora
curumimjururu.

Acarajé farofa
fubá bobó moqueca
quitute de se comer.

Açafate acéquia
achaque abajur
de lâmpada bege.

Ária arpejo sonata
trêmulo soneto
e esta minha serenata.

Efêmero íncola
na valsa no verso
de línguas irmãs.

Navego entre palavras
me cingindo amorosas
por não me serem só.

Sigo entre montanhas
e as livres planuras
de gentes e saberes.

Em cerrados e caatingas
ramificam-se olhares,
entrebeijam-se sabores.

Vivo este terreno
onde bocas emaranham
cultivos e culturas.

Do mesmo modo ouço
além, do outro lado
dessa líquida ponte,

As vozes portuguesas
se estendendo longe,
me osculando a fronte.

Banheiro casa de banho
café da manhã calcinha
bonde cuecas elétrico.

Acólito coroinha
celular telemóvel
aluguer de mágoas fado.

Ponto de liga trem
pano de prato/loiça
belo desenho de moça.

Time equipa tricô
comboio xícara chávena
onde juntos solvemos.

A última flor do Lácio,
a língua portuguesa,
a mesma língua vária.

O oceano não separa
em sua imensa seara
o que o tempo ajuntou.

Belo Horizonte, 11 de setembro de 2018.